TRANSCRIÇÕES

Barão de Studart — Atleta da Fé e Missionário da Caridade

J. PAIVA

I — O SÁBIO E O CRENTE

Um sadio ambiente de convívio fraternal; um engenhoso e simples método de vitalidade espiritual e moral; uma escola ativa de educação evangélica: eis, sob três diferentes aspectos, o que é uma Conferência Vicentina.

Da primeira, que surgiu em Paris, no mês de maio de 1833, inspirada por Frederico Ozanam e cinco colegas da Sorbonne, assim escrevia um dêles, François Lallier, nas notas escritas a pedido do Conselho Geral da Sociedade de São Vicente de Paulo, sob o título "Les Origines" (1882): "Os membros desta primeira Conferência de São Vicente de Paulo experimentavam com efeito no mais alto grau o **Quam bonum et quam jucundum habitare fratres in num**! Bem longe de serem suas reuniões hebdomadárias, de piedade e caridade, monótonas e constantemente graves, animava-as uma cordial amizade, permitindo-se os repentes duma franca e juvenil alegria, clima que não mudou, pois hoje apenas necessita da espontânea e sincera colaboração dos Confrades, da harmonia espiritual do grupo aparentemente heterogêneo, formado de várias idades e diversos temperamentos.

Antes de tudo se impõe a união de corações e almas —

Cor unum et anima una e portanto o amor e a paz que, como escreveu o autor da Introdução do "Manual", em setembro de 1845, é tudo quanto a Conferência quer conservar. "Ora, desde que os possuimos, como não tentaríamos comunicá-los aos outros homens, sobretudo aos pobres, **cujo alívio e consolação** constituem nossa venturosa missão?". Para encetar esta missão foram seus iniciadores pedir ao Evangelho o desapêgo de si mesmos, a prudência cristã, o amor ao próximo, o zêlo da salvação das almas, a mansidão de coração e de palavras e sobretudo o espírito de fraternidade.

Êsse é em resumo o ideal vicentino, espontâneo e construtivo, e que jamais falhou quando bem compreendido e praticado, como o foi por Ozanam e seus jovens companheiros, estudantes como êle, e que hoje são 200.000 de tôda idade, condição e nacionalidade em todo o mundo, mas inicialmente proposto à mocidade francesa, que era a parte mais dolorosamente atingida pelos maus efeitos da Revolução. Vejamos como êsse ideal foi pregado e executado no Ceará.

O Barão de Studart, cujo primeiro centenário de nascimento comemoraremos, senão com manifestações ruidosas pelo menos com saudade e reverência, foi o máximo propulsor, mantenedor e praticante da Obra de Ozanam durante tôda sua dilatada e fecunda existência de 82 anos. Atleta da Fé e Missionário da Caridade êle o foi, além de animador dos estudos da nossa História sendo êle mesmo um símbolo ímpar da inteligência, do sentimento e da pertinácia de nossa gente, rebento que foi, pelo lado paterno, de ilustre familia inglêsa, e pelo lado materno, de não menos ilustre família cearense.

Médico, formado pela Faculdade da Bahia, em 1877, Vice-cônsul da Inglaterra, no Ceará, desde 25 de junho de 1879, membro da Embaixada Britânica, e Barão de Studart pelo Breve Pontifício de Leão XIII, datado de 22 de janeiro de 1900, aí estão a vocação profissional, a herança paterna e o prêmio de um dos mais insignes Papas, por sua integridade de vida e por seu amor e defesa da Religião, que lhe conferiram méritos singulares nas cousas católicas, como testemunhava o Breve.

Contudo, nem seu título e dedicação como médico, nos tristes dias da Grande Sêca "em que o jovem esculápio, inspirado nessa fôrça superior que empresta o dever do apostolado enfileira-se aos dedicados colegas empenhados na luta e torna-se digno imitador do herói Belsunce" (depoimento de Capistrano de Abreu), nem seu alto pôsto na diplomacia inglêsa de carreira, em que prestou reais serviços à nossa vida econômica e financeira, que lhe deram subsidiàriamente renome dentro e fora do Ceará e do Brasil, o tornaram amado e querido pelos pobres da cidade de Fortaleza, na qual nasceu e, com as necessárias ausências, viveu e morreu. Ao médico sempre estudioso e dedicado e ao Cônsul Britânico operoso e prestante se sobrepunham nêle o entranhado amor de todo instante às cousas do nosso glorioso passado, pelos postulados da sua integral Fé Católica e pela causa dos deserdados da fortuna.

Narrava "A República" de 7 de março de 1900 que ao entregar-lhe na tarde do dia 6, em sua residência, o Breve Pontifício, "depois de algumas tocantes palavras de amor e verdade com que fizera realçar os méritos reais do benemérito cidadão, quer como homem de letras, pai de família extremoso, médico humanitário, e sobretudo como presidente do Conselho Central das Conferências de São Vicente de Paulo dêste Estado: títulos êstes que o levaram a solicitar do Santo Padre a graça de que era portador", Dom Joaquim José Vieira, "o insigne Pastor, de que lançou sua bênção sôbre o homenageado; Dr. Studart, que, profundamente comovido recebeu-a de joelhos com a unção de verdadeiro crente". E, após abraços cordiais que completariam o esplendor dessa sincera e surpreendente ovação à virtude, "o Barão de Studart agradeceu eloquentemente com as lágrimas que marejavam os olhos, já que a comoção lhe tinha embargado a voz".

2 — MOCIDADE E VELHICE

O Barão de Studart ingressou na Sociedade Vicentina

justamente ao instalar-se na Bahia, a 27 de dezembro de 1876, a Conferência de São José, a primeira da Província e décima terceira do Brasil, presidindo à sessão solene de fundação Dom Antônio de Macedo Costa, Bispo do Pará, havia pouco saído da prisão devido à Questão Religiosa. Cinquenta anos após, a 15 de dezembro de 1926, convidado pelo Conselho Central da Bahia para estar presente às Bodas de Ouro da fundação de 1876, o Barão lamentava em carta sua ausência: "Doente, alquebrado das fôrças, consequência dos meus 71 anos, sobrecarregado de trabalhos a que não posso fugir, e, agora acrescidos por motivo de gravíssima enfermidade, que sofri em setembro, outubro e dias de novembro, não poderei rever a Bahia de mim mui amada e aplaudir pessoalmente os atos da benemerência realizados no campo da Caridade e da Piedade Cristã, pelos abnegados e fiéis depositários da herança deixada pelos fundadores da Conferência de São José; os acompanharei, todavia, em espírito e coração na mais fervorosa comunhão de propósito e desejos de bem servir aos pobres e infelizes, desejos de que cresçam e prosperem em toda parte as Conferências Vicentinas em sua grandiosa obra de cristianizar o mundo. Cinquenta anos de esforços e sacrifícios! Honra e glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade, aos humildes discípulos de Ozanam!"

Mas, assim se desculpando, não era mais o jovem médico de 20 anos; que naquela época, ainda estudante da Faculdade, entusiasmava-se na Associação Católica do Salvador pela causa dos grandes e heróicos Bispos condenados inocentes, Dom Macedo e Dom Vital, escrevendo Monsenhor Dr. José Basílio Pereira, um dos três sobreviventes dos 14 instaladores de 1876, que "os dois Prelados voltavam em triunfo a suas Dioceses, foram aclamados de um a outro extremo do país, e tiveram na cidade do Salvador entusiásticas manifestações de apreço prestadas por tôdas as classes sociais, das quais cabe aqui salientar a saudação vibrante que lhe dirigiram mais de 70 alunos da Faculdade de Medicina, entre os quais Manuel Vitorino e Guilherme Studart, que mais tarde se encontram entre

os fundadores da Sociedade de São Vicente de Paulo!" Os doutores Manuel Vitorino Pereira e Guilherme Studart foram nomeados 1º e 2º vice-presidentes da Conferência de São José.

Foi o Barão de Studart, na sua vida ascendente, ao mesmo tempo mental e sentimental, um dos primeiros da "Libertadora Cearense", fundada para trabalhar pela extinção total da escravatura no Ceará, 25 de março de 1884, a 4 de março de 1887, com 11 outros homens de letras, estava entre os 12 fundadores do Inst. do Ceará, do qual até quase os últimos dias de existência foi o presidente, a alma e o principal artífice; e pouco mais de dois anos depois foi eleito presidente do Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará, a 14 de dezembro de 1889, ocupando efetivamente êste cargo até 22 de novembro de 1931, isto é, pelo período de 42 anos, quase meio século. Ao passar, nesta última data, a presidência ao seu atual sucessor, Dr. Raimundo de Alencar Araripe, Dom Manuel da Silva Gomes, então Arcebispo de Fortaleza, hoje, como êle, certamente gozando da visão eterna de Deus, assim concluiu o ato de transferência: "O sr. Barão de Studart será o presidente perpétuo da Sociedade de São Vicente de Paulo".

3 — ENTRE OS LIVROS E OS POBRES

O Barão de Studart, o "Barão" simplesmente, como era popularmente conhecido o Médico abalisado, o Literato, o Historiador, o Cônsul Inglês, o Presidente da "Sociedade Vicentina no Ceará" tinha seu simpático e aureolado nome a aflorar sempre aos lábios de uma numerosa falange de Confrades de tôdas as condições sociais, e de centenas de velhos e crianças socorridos pelas Conferências de Fortaleza, e mesmo, por tradição, do interior. E, víamo-lo frequentemente sentado em lugar de destaque; como hóspede de honra, em frente à tôsca mesa de uma modesta conferência ou outras vêzes numa choupana ou casinha de taipa, a colocar sua altiva e nobre cartola sôbre grosseiro tamborete, e sentar-se sôbre outros bancos, numa

cadeira rôta ou um velho baú, cobertos até quase o chão com o seu comprido fraque, a conversar com uma pobre velhinha envergonhada, por exemplo, pois naqueles tempos em muitas se escondia, através de um marido, irmão ou pai já falecidos, um passado de abundância, um nome que se fizera venerado pela ilustração ou posição social. E êsse homem ilustre, culto e viajado, possuindo uma regular fortuna, que ali exercia essa missão que lhe fôra imposta pela Fé e pela Caridade, era o mesmo que tivera a subida honra de visitar mais de um Papa, a Rainha Vitória e porventura outros monarcas, vários dos presidentes gerais vicentinos, e possivelmente outros nobres e ilustres personagens, e conseguira como nos dizia nas Assembléias Gerais com descupável orgulho) licença para mandar tirar cópias de inúmeros documentos históricos preciosíssimos, nos Arquivos Nacionais de Portugal, Holanda, etc., e a quem recorriam; para obterem o ouro dessas minas do nosso passado, o Barão do Rio Branco, Ramiz Galvão; Capistrano de Abreu e Oliveira Lima, por exemplo! E era o mesmo herói da distribuição de socorros e paga de serviços públicos em Fortaleza, pelo menos nas sêcas de 1900 e 1915. E era o mesmo que acompanhou durante cêrca de 40 anos as Romarias pedestres a Arronches, depois Parangaba; fêz muitas noites de Adoração Noturna, bem como horas diurnas na igreja do Sagrado Coração de Jesus, preparava extensos relatórios anuais com estatísticas e comentários; assistia às quatro festas anuais; tendo-se dirigido 126 vêzes aos Confrades em Assembléia Geral, podendo-se formar com as suas conferências sôbre problemas de ordem interna ou geral, matéria para vários tomos de uma coletânea hoje sempre atual por se tratar de temas sôbre Religião, Moral, Educação, Caridade e Reforma Social dentro dos princípios cristãos. E era o mesmo que mantinha extensa correspondência com os presidentes dos Conselhos e Conferências, com os presidentes do Conselho Superior do Brasil e Geral de Pais em número certamente acima do que escrevia e recebia como Presidente do Instituto do Ceará. A "Revista" do Conselho Central, fundada por indicação sua, em março de 1888, hoje no

68º ano de ininterrupta publicação, um ano após a "Revista do Instituto do Ceará" (1º trimestre de 1887) tivera por finalidade, não sòmente a exposição da doutrina e a publicação do noticiário e das estatísticas da Caridade Social, porém fazer referências à formidável correspondência de tôda a então Província, pois Fortaleza era o centro único da Sociedade no Ceará, dezenas de anos antes da criação das Dioceses de Crato, Sobral e Limoeiro do Norte, e elevação da Diocese de Fortaleza a Arcebispado, e do Conselho Central do Ceará a Conselho Central Metropolitano de Fortaleza.

Aqui estamos resumindo muitíssimo a atuação do Barão de Studart. Êle teve, além da Família, da Pátria, da profissão como médico e da verdadeira vocação para a História, o amor filial à Igreja Católica, pois varão de muita Fé, homem de simples, humilde e obediente submissão religiosa; e o amor intensíssimo à Sociedade Vicentina, à Obra, â Cruzada de Ozanam, como costumava dizer, com os seus Conselhos hierárquicos, suas Conferências, seus Confrades, seus Pobres, suas tradições e Obras especiais, a "Revista", São Vicente de Paulo e Frederico Ozanam, e seus queridos irmãos mais diretos, constantes e fiéis colaboradores, que, na maior parte, começaram jovens, como êle, e quase que os da primeira hora, todos se tinham ido para Deus, antes do querido Barão, a formar a imensa Conferência do Céu, conforme a palavra do Fundador: Padre Dr. Antônio Saboia de Sá Leitão, Francisco Antônio Gomes de Matos, Felipe de Araújo Sampaio, Hermelino Sobral Macaíba, Antônio Epaminondas da Frota, Marcos Apolônio da Silva, Artur Gomes de Matos, Rufino Gomes de Matos, Antônio Paulino Delfim Henriques, José Meneleu de Pontes, Raimundo Bezerra da Rocha, Fabrício José de Brito, Pedro, Manuel e Joaquim Fabrício de Barros, Solon da Costa e Silva, Marcos José da Silva e centenas de outros da capital e de todo o Ceará.

IV — MORTE E GLORIFICAÇÃO

Contava em 1910 o Barão de Studart 54 anos, quando a 10 de abril festejou o Conselho Central suas bodas de prata, fundado que fôra a 4 de abril de 1885. Foi o apogeu da sua nobilíssima vida mental e afetiva, que êle soube viver como ninguém mais, antes e depois dela, nesta terra cearense, não tanto para sua própria notabilidade, como para honra e glória do Ceará e imorredouro exemplo aos coévos e pósteros. De então a 1931, o gigante da Verdade e do Bem, aquêle que possuiu, como poucos, elevada inteligência e sensível coração, viu-se acumularem sôbre si mais 21 anos quando, aos 75 anos, a 22 de novembro, deixou de trabalhar no principal mister da sua existência — a presidência de quase meio século da Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará, sem desmerecimento para o Instituto do Ceará e o Centro Médico Cearense, vindo a morrer, doce e santamente, aos 82 anos, no dia 25 de setembro de 1938.

Que o Instituto do Ceará, o Centro Médico e Sociedade Vicentina — que representam sua vocação para a História, a Medicina e a Caridade — unam-se em tempo a fim de que, numa Praça ou num Jardim Público, seja erguida uma herma em sua honra e memória, apondo cada uma dessas nobilíssimas instituições uma placa com expressiva legenda que diga, aos do nosso tempo e aos porvindouros, quem foi êsse vulto inconfundível do Ceará por seus talentos e virtudes, por suas arraigadas crenças, por seu indefectível amor ao Ceará e ao Brasil e por seus generosos sentimentos, que a 5 de janeiro de 1956 completaria seu 1º centenário de nascimento.

Como escreveu dêle o professor José Valdivino, "foi um Apóstolo de Deus e um Cavalheiro do Pensamento". Repetindo o que dêle afirmou Austregésilo de Ataide, "foi uma glória do Brasil que talvez receba depois de morto as homenagens de aprêço que a ignorância e o esquecimento não lhe tributaram em vida". Cabe admiràvelmente à sua personalidade, muito acima do comum e do medíocre, aquilo que o incrédulo Felix

Le Dantec julgou aplicar a Elizabeth Leseur: "Foi um cimo de humanidade".

O Ceará não mais possuirá outro filho semelhante ao Barão de Studart. Sem êle não teria sido tão bem documentado e escrito o glorioso passado da terra cearense; sem êle, o íntegro Apóstolo do nosso Laicato Católico, o digno imitador de Francisco Ozanam entre nós, não teria o Ceará um tão nobre Atleta da Fé, e Missionário da Caridade.

O município de Fortaleza e o Govêrno do Estado bem poderão vir ao encontro das três instituições que concentraram o melhor da vida do nosso imortal conterrâneo, a fim de que as homenagens do Ceará à sua abençoada memória correspondam aos seus incontestáveis méritos. Façamos do dia 5 de janeiro de 1956 um dia de magno feriado em Fortaleza, palco de sua longa, laboriosa e fecunda existência de 82 anos; um grande dia de consagração ao Barão de Studart por esta terra e esta gente que tiveram no mais íntimo do seu ser um altar votivo constantemente iluminado pelas luzes da sua alta inteligência e pelas chamas do seu acrisolado coração.

(De O NORDESTE, ns. de 22, 24, 25 e 29 de agôsto de 1955).

O Ceará e o Barão de Studart

JOSE' AURÉLIO CÂMARA

Deveremos comemorar a 5 de janeiro próximo o primeiro centenário de nascimento de um cearense dos mais ilustres — o Barão de Studart.

Por vários motivos essas comemorações deverão revestir-

se no Ceará de significação especial. O Barão de Studart foi um homem cuja admirável e profícua atividade transcendeu dos limites, já tão largos, daquelas pesquisas históricas a que se dedicou com tanto zêlo e em cujo terreno firmou justa reputação de mestre. Mesmo excluido o muito que realizou no terreno da investigação e divulgação da historiografia cearense, a qual, a rigor, só depois da sua obra adquiriu forma e expansão, muito lhe deveríamos ainda pela soma enorme de atividades criadoras que seu espírito universalista desenvolveu no Ceará.

Foi notável a amplitude fecunda do seu trabalho, disseminando, na paisagem pobre e ignorada do Ceará de então, obras de profunda significação social e cultural, tôdas ou quase tôdas constituindo hoje o que de mais expressivo e de mais culto possui a nossa terra. O Instituto do Ceará é obra sua; na sua casa é que foi fundado e na sua casa funcionou por muitos anos. A magnífica Revista do Instituto, que durante muito tempo constituiu quase que nossa única produção intelectual exportável, hoje publicação de renome nacional, fonte obrigatória de consulta dos estudiosos dos homens e dos fatos do Ceará, também é obra sua. E durante anos viveu exclusivamente por obra e graça do seu esfôrço perseverante. Também criação sua é a Academia Cearense de Letras, de que foi não apenas fundador mas dos mais ardorosos animadores.

Foi por igual fundador e por vários anos presidente do Centro Médico Cearense, entidade não só de caráter classista mas sobretudo cultural, e cuja decidida participação nas comemorações centenárias de 5 de janeiro é justamente esperada. Foi ainda o Barão de Studart professor, jornalista, médico profissional, membro destacado e decano do Corpo Consular em Fortaleza, membro de numerosas associações de classe, a muitas das quais presidiu.

Como presidente do Conselho Metropolitano das Sociedades Vicentinas, manteve-se naquelas funções por mais de quarenta anos.

Abolicionista histórico, foi dos primeiros que nesta terra

se voltaram para o problema escravagista, por cuja solução batalhou sem alardes nem violências. Revelou-se, portanto, não apenas o homem de gabinete, o decifrador de alfarrábios, o colaborador ilustre de Capistrano, o historiador emérito, o intelectual de primeira água, mas também o homem a quem os títulos e as glórias não impediram permanentes manifestações de solidariedade humana, nem afastaram do convívio de sua terra e de sua gente, por quem e para quem viveu de fato.

Um homem assim, uma vida tão rica de conteúdo humano, merece ser indicado como um horizante às gerações desnorteadas de hoje. Merece que os poderes públicos, responsáveis, entre outras coisas, pela preservação e incentivo do culto cívico às glórias do passado, cultuem sua memória como um apêlo permanente àqueles padrões tradicionais de cultura, dignidade e trabalho, cada vez mais ignorados e distantes da mocidade de nossos dias.

O Instituto do Ceará, que é a Casa do Barão de Studart, já elaborou um programa de comemorações. Mas o pobreza franciscana daquela Casa, a mais desprotegida do Ceará, ameaça refletir-se naquelas comemorações, empanando o seu desejado brilho. Pensou-se no Instituto que o ponto dos festejos do centenário do Barão de Studart deveria ser a realização em Fortaleza de um Congresso Regional de História. A idéia é excelente e oportuna e se enquadra bem no sentido daquelas comemorações. Mas de que recursos se dispõe para concretizá-la?

Cabe ao Govêrno do Estado, através da sua Secretaria de Educação, tornar a idéia uma realidade. Um congresso desta ordem, além da justa homenagem que encerra, projetaria nosso Estado no cenário cultural brasileiro, onde, no momento, sua atuação é silenciosa. Muito recentemente dois congressos culturais — um folclórico e outro antropológico — realizaram-se com pleno êxito na capital da Bahia. O patrocínio do Congresso Regional de História, de janeiro próximo, não devendo ser a única, seria, sem dúvida, a maior contribuição do Go-

vêrno do Ceará às festividades do centenário do Barão de Studart.

(Publicado no UNITÁRIO de 14 de Julho de 1955).

Dr. Guilherme Studart

Opulenta hoje as nossas columnas uma gravura de Pastor: retrato do Dr. Guilherme Studart, o infatigavel e laboriosissimo compositor da **Historia do Ceará.**

Merece o lugar de honra, que hoje lhe designamos no nosso jornal, o contemporaneo illustre, que desde a infancia hauriu de seus antepassados a abnegação e o civismo desde os bancos academicos, foi sempre considerado entre a mocidade liberal e patriota, e fez-se depois um campeão do abolicionismo.

Essa campanha, que lhe torna o nome veneravel e estimado entre seus compatriotas, é um dos traços mais bellos da vida do abnegado sacerdote da dificil arte de curar.

A historia de vossa terra, crêde-o, vós, mães affectuosissimas, que deveis ensinar os vossos filhos, com o mesmo ardor e a mesma dedicação, com que á noite fazeis-lhes repetir as vossas orações, em honra de Indra, o grande senhor da abobada estrellada, quando, imparcial e justa, tiver de assignalar o nome d'aquelles que se bateram pelo abolicionismo, há de encrustar em oiro ao lado de muitos outros o nome do orador do "Centro Abolicionista" como revelou-se nas installações da "Libertadora Cearense", da "Sociedade das Cearenses Libertadoras" e do "Centro Abolicionista", nas festas da libertação de Soure e Pacatuba, no festival da Praça Castro Carreira por ocasião da redempção dos captivos de Fortaleza, e no Palacio da Presidencia por occasião da manifestação do Cor-

po Consular ao presidente Caio Prado.

São estrophes sublimes estas, que hão de perpetuar aos evos o nome de Guilherme Studart.

Guilherme Studart é uma alma retemperada pelos raios abstergentes do patroitismo, de amor pelo trabalho, a alavanca que o guindou á posição, que occupa hoje.

Para aquelles, que nos lêrem fóra do Estado, vamos dar rapidamente alguns delineamentos de sua biographia:

Nasceu a 5 de Janeiro de 1856, fez na Fortaleza primeiras lettras e francez e concluiu seu curso de humanidades no collegio "Gymnásio Bahiano" sob a direcção do Dr. Abilio Cesar Borges, o fallecido barão de Macahubas. E' o mais velho de seis irmãos, todos diplomados pelas Faculdades do Paiz.

A 16 de Março de 1872 matriculou-se na academia da Bahia, e a 15 de Dezembro de 1877 doutorava-se, apresentando uma these, que foi approvada com distinção, dissertando sobre a Electro-therapia ou as aplicações da electricidade á medicina e á cirugia. Era assumpto até então não tratado pelos Academicos d'aquella Faculdade.

Quasi vinte annos consagrou elle ao ensino de preparatorios na Bahia e Ceará, familiarisando com a Geographia, a Historia, as linguas Latina e Ingleza grande numero de patricios, dos quaes muitos occupam hoje no paiz posições culminantes, circunstancia essa que fal-o ainda hoje sentir-se feliz e alegre, sempre que os moços o cercam.

Outras feições, que nelle se descobrem a cada instante — adora a musica e as creanças, e tem sempre uma palavra de conforto e de elogios para os que trabalham, recordando-se, provavelmente, das difficuldades com que arcou na juventude, e que, todas, removeu pelo esforço indefesso.

Caro e muito lhe tem custado ir buscar por toda parte o material indispensavel para compôr a historia do seu berço e os documentos, alguns d'elles valiozissimos e originaes, que tem adquirido para essa Historia, formam uma collecção de 15 grossos volumes, sendo que os catalogados, muitos já publicados por elle, são em numero superior a 2.000.

E' um dos Cearenses, que tem mais viajado pela Europa.

Uma das provas exhuberantes do amor, que consagra ao ninho odoroso, que lhe serve de berço, é que intentando escrever-lhe a historia, além de tudo mais, montou uma typographia para a impressão das suas obras.

E' um homem, que estuda muito, que dispõe de variados conhecimentos e maneja diversas linguas.

Além de sua these, publicou, quando professor, seus Elementos de **Grammatica ingleza.**

Publicou mais entre outras obras:

Artigos de propaganda, que foram impressos em Lisboa, em 1889, tratando da tuberculose, da vaccinação, do leite, da mortalidade infantil, os quaes forão ao depois transcriptos no **Libertador** de Fortaleza, em folhetos, e destribuidos como brinde de Natal aos seus assignantes; **Estudos sobre a 1a. epidemia da febre amarella em 1696; As administrações de Borges da Fonseca, Azevedo de Montaury, Feo e Torres, Bernardo de Vasconcellos,** celebres governadores do Ceará na 2a. metade do seculo 18; **Biographia de Martim Soares; Homens e cousas do Ceará.**

Por morte de seu pae, o negociante John William Studart, foi nomeado Consul Inglez no Ceará, lugar que ainda hoje exerce juntamente com o de Consul da Suecia e Noruega.

Pertence ao corpo medico do Hospital de Caridade, foi medico da colonia Orphanologica Christina.

Foi Vice-presidente do "Centro Abolicionista" e um dos fundadores da "Ceará Libertadora", retirando-se d'esta ultima, por divergencia de idéas na fórma de levar-se a effeito a redempção dos escravos.

E' membro da **Academia Cearense,** da sociedade de **Estudos Paraenses,** da **British Medical Association de Londres,** do **Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brazileiro,** do **Instituto do Ceará,** da sociedade **de Geographia de Paris,** da sociedade de **Geographia de Lisbôa,** da sociedade **Bibliographica da França, da sociedade de Geographia do Havre,** do **Instituto Archeologico e Geographico Pernambuco, do Gabinete de**

Leitura do Aracaty.

A **Penna** julga-se orgulhosa, portanto, dando o retrato do seu estimado collaborador.

(Do jornal A PENA, de Fortaleza, quinzenal, n. 1, de 15 de outubro de 1895. Redatores: Marculino Fagundes, Júlio Olímpio, Graco Cardoso e Matos Guerra. Foi a primeira biografia publicada, do Barão de Studart.)